

MURILO RUBIÃO E AS ARQUITETURAS DO FANTÁSTICO

MURILO RUBIÃO AND THE FANTASTIC ARCHITECTURES

MURILO RUBIÃO Y LAS ARQUITECTURAS FANTÁSTICAS

Roseli Gimenes¹

RESUMO: (Resenha): IANNACE, Ricardo. Murilo Rubião e as arquiteturas do fantástico. São Paulo. Edusp-Fapesp. 2016.

ABSTRACT: (Review): IANNACE, Ricardo. Murilo Rubião and the fantastic architectures. São Paulo. Edusp- Fapesp. 2016.

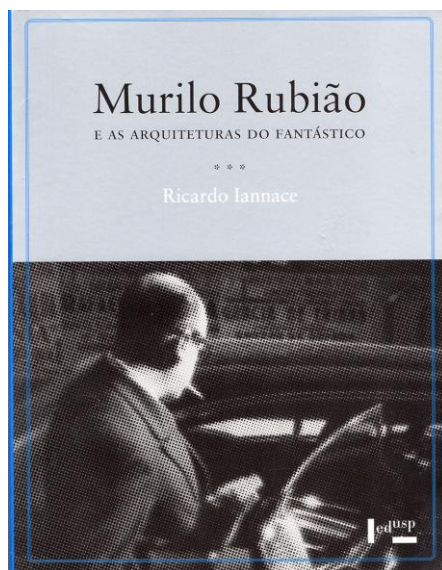
RESUMEN: (Reseña): IANNACE, Ricardo. Murilo Rubião e as arquiteturas do fantástico. São Paulo. Edusp- Fapesp. 2016.

PALAVRAS-CHAVE: Ricardo Iannace; Literatura Fantástica; Murilo Rubião.

KEYWORDS: Ricardo Iannace; Fantastic Literature; Murilo Rubião.

PALABRAS CLAVE: Ricardo Iannace; Literatura Fantastica, Murilo Rubião.

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica. Coordenadora do curso de Letras da Universidade Paulista - roselig@icloud.com



“[...] ergueu no patamar quatro paredes mágicas [...]”
(BUARQUE, 1998).

É necessária a apresentação do biografema, na concepção barthesiana do termo, para apontar os traços de escritura que revelam uma autoria de Ricardo Iannace, graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Mackenzie (1991), mestre na área de Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1998), doutor na área de Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (2004), com pós-doutorado em Estudos Literários pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (2012). Professor da Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC); professor colaborador (2011 a 2014) do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e, desde 2013, da área de Literatura Infantil e Juvenil do Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Núcleo de Estudos dos Acervos de Escritores Mineiros do Centro de Estudos Literários e Culturais da UFMG e do grupo Produções Literárias

e Culturais para Crianças e Jovens, vinculado à Universidade de São Paulo. Como docente e pesquisador, atua nos segmentos: Comunicação e Expressão, Literaturas Infantil e Juvenil, Literatura e Outras Artes, Fantástico e Ficção da Distopia.

Iannace tem trabalhado com obras de Murilo Rubião, na abordagem proposta desse seu novo livro, como em *Murilo Rubião em curta-metragem. Uma leitura de O bloqueio, de Cláudio de Oliveira*. Esse artigo aborda o conto “O bloqueio”, de Murilo Rubião, e o curta-metragem, de título homônimo, dirigido por Cláudio de Oliveira. O exame dessa adaptação cinematográfica atém-se ao deslocamento dos componentes que integram a narrativa de Murilo Rubião, identificando, nessa releitura, o fantástico e a obsessiva reescrita do autor mineiro. A correlação entre Literatura e Arquitetura é contemplada no curso deste texto. (IANNACE, 2016a).

Ricardo Iannace em outros livros: *A Leitora Clarice Lispector*, de 2001, da Edusp, aponta quais influências recebeu Clarice Lispector na composição de sua obra e o que terá lido a escritora, que se dizia má leitora, e suas personagens. Esse estudo revela que ela apreciava, entre outros, Katherine Mansfield, Oscar Wilde, Eça de Queirós, Fernando Pessoa e Dostoiévski. Iannace vai além da simples pesquisa de fontes, estabelecendo combinações entre autores e obras, personagens e críticos que esboçam uma preciosa poética da leitura, na qual o roteiro das leituras de Clarice, ligadas aos temas da morte, da solidão e da angústia, desemboca na análise comparativa entre sua obra e as de seus pares; em *Retratos Em Clarice Lispector*, de 2009, da UFMG, retratou a pena e o pincel, a palavra e a tinta: meios pelos quais Clarice Lispector deu vazão a sua arte, ao transitar pela literatura e pela pintura. Se a escrita de Clarice revela-se obstinada na vã tentativa de grafar o indizível, capturar o sem sentido das coisas, sua arte pictórica, embora menos divulgada, o faz causando impacto imediato, ao nascer, por vezes, de uma batalha de cores. Nessa obra, Ricardo convida o leitor a caminhar por entre linhas e pinceladas, em busca das muitas faces da artista Clarice, dialogando com Roland

Barthes, Jacques Derrida, Platão, Leibniz e muitos outros; o que significa que Iannace tem familiaridade com o texto literário contemporâneo de Clarice Lispector, mas também com o de Murilo Rubião, visto no II Seminário Fantástico e imaginário: reflexões contemporâneas Murilo Rubião e seus arredores, e II Encontro Nacional de Produções Literárias e Culturais para crianças e jovens, de 22 a 24 de junho de 2016, da Universidade de São Paulo em que - com Profa. Dra. Maria Zilda Cunha (USP) - foi docente responsável, como apontaremos aqui.

Ricardo Iannace constrói em seu *Murilo Rubião e as arquiteturas do fantástico* um edifício em que andares se alinham aos contos rubianos escolhidos para análise: “O Edifício”, “O Bloqueio”, “O homem do Boné Cinzento”, “A Armadilha” e “A Diáspora”. Essa leitura, a partir desses contos de Murilo Rubião, evidencia que a construção e o edifício figuram tanto como mito quanto como evento narrativo. Paralelamente ao comentário da recepção crítica confiada ao escritor, a abordagem literária propõe diálogo com o pós-estruturalismo e com as vertentes do discurso ensaístico contemporâneo, por meio dos quais o fantástico, a reescrita, os conceitos de Babel e de Diáspora são recuperados e discutidos. Textos verbais e não-verbais (pinturas, HQs e vídeos) são contemplados ao longo das análises.

Já apontamos como, nas obras de Iannace, sobre Clarice Lispector, a semiose é construída pelo autor para olhar além do signo linguístico, mas também ver o signo pictórico lispectoriano; na obra resenhada emerge, já na construção da escolha dos contos, essa semiose, todas as narrativas, contos escolhidos beirando à metáfora da construção civil, mas também da construção criativa da linguagem, seja verbal ou não-verbal, da linguagem babélica e bíblica. Soma-se tudo à construção da linguagem, da interpretação linguística dos textos, o olhar crítico dos discursos culturais, “é o caso da *dispersão migratória* e da *crise de identidade* nos países pós-colonizados”. (IANNACE, 2016, p.19). Essa construção teórica leva Iannace a buscar em Michel Pêcheux, Michel Foucault e Stuart Hall

seus interlocutores. Para a análise dos contos apontados, Ricardo constrói um edifício de três andares: (1) *Babéis* para a leitura de “O Edifício”, cuja semiose aponta para o relato bíblico da *Babel*, mas também das análises semióticas da pintura de Fernand Léger, Pieter Bruegel, Gustave Doré, Charles C. Ebbets e Sônia Maria Barreto; (2) *Edifícios Interditados* para a leitura de “O Bloqueio”, “O Homem do Boné Cinzento” e “A Armadilha” em que dialogam os contos murilianos apontados com o vídeo homônimo, *O Bloqueio*, de Cláudio de Oliveira (esse vídeo foi apresentado no encontro aqui citado), com obras de Saramago e José J. Veiga, Wells, com as sagradas escrituras, com a HQ homônima de “O homem do Boné Cinzento”, de Fabiano Barroso e Piero Bagnariol, da pintura de Hopper e de Edgar Allan Poe; (3) *A Ponte* cujo andar se dedica ao conto *A Diáspora* em que o diálogo se estabelece com Stuart Hall, mas também com Deleuze e Guattari. Nesse sentido, a homonímia joga com a diáspora enquanto fenômeno de espalhamento dos povos que se efetiva em dois sentidos: diáspora pré-transnacional e diáspora transnacional, interferindo ambos sensível e diretamente na construção da identidade cultural.

Toda a construção metafórica do edifício de Iannace é conduzida por um fio, como não poderia deixar de ser, que é o gênero do fantástico a que se filia consensualmente Murilo Rubião. Literatura fantástica é um gênero literário em que narrativas ficcionais estão centradas em elementos não existentes ou não reconhecidos na realidade, pela ciência dos tempos em que a obra foi escrita. É aplicável a um objeto como a literatura, pois o universo da literatura, por mais que se tente aproximá-la do real, está limitado ao fantasioso e ao ficcional. Todo texto fantástico tem elementos inverossímeis, imaginários, distantes da realidade dos homens. Há, como defende Jorge Luis Borges, uma causalidade de caráter mágico ligando os acontecimentos ao decorrer de uma narrativa desse tipo. Justamente é Borges que permeia a escritura de Ricardo Iannace. No caso de Kafka, mais de uma vez explícita que Rubião só conheceria o

autor de *A Metamorfose* tempos depois de ter escrito seus primeiros contos. Notadamente, também Ricardo faz reforço a essa comparação de Murilo Rubião a Kafka, ao fato de Rubião ser extremo “refazedor” de suas escrituras, assim como é marca significativa dos contos de Rubião as epígrafes bíblicas. Ressalva-se, nesse sentido, a sintomática repetição de estilo de Ricardo Iannace em relação ao uso de epígrafes. A obra *Murilo Rubião e as arquiteturas do fantástico* parte de duas citações ao estilo de epígrafes, uma de Paul Valéry e outra do autor tema da obra, Murilo Rubião. As duas remetem e refletem especularmente o livro de Ricardo Iannace, a construção civil com os “edifícios mudos”, de Valéry, e a “tortura do escrever”, de Murilo Rubião. Ambas corroboram a escritura, a metáfora da construção e sua difícil tarefa: o escrever. Com elas se identifica Iannace, como todos aqueles cujo ofício é o deparar-se com a linguagem e sua babélica inscrição. Essas epígrafes estão a cada surgir dos capítulos: a ambiguidade de Rubião para *Babéis*, a desconfiança de Kafka para *Edifícios Interditados*, e a máxima do poeta engenheiro sobre construções - João Cabral - para *A Ponte*. Finalmente, volta Rubião com o pouco aproveitar-se de suas escrituras para as *Páginas Finais*, de Iannace, a mostrar a angústia da escritura em encerrar uma obra já experimentando ausências que deixamos de perpassar.

A incompletude que nos apanha na insaciedade de terminar uma obra. Em *Edifícios Interditados* a incompletude se expande com Iannace (2016, p.120) trazendo a beleza poética de Barthes. Não só se trata de incompletude a obra poética, senão de “um exercício sério de bricolagem, uma metacrítica que põe em cena a própria manufaturação...”. Significa que o edifício de Ricardo Iannace, para ser construído, há que ser interditado a priori para que o texto de prazer barthesiano se lance na *différance* derridariana, a que acrescentaríamos que essa permuta de *différence* a *différance* se encontra no “a – objeto pequeno a” - lacaniano. É essa parte perdida, para Lacan, o objeto com o qual nos relacionamos: um

objeto que, por sua ausência, se faz presente, o “objeto a”. O desnudamento, a “rasura” citada por Iannace (2016, p. 119). Um desejo daquilo que sempre faltará à escritura. A babel bíblica.

Nesse desvario babélico de escritura, e para que conheçamos os textos já falados sobre Murilo Rubião, em suas *Páginas Iniciais*, Iannace nos coloca a par dos ‘acerca do autor’, como é o caso da resenha de Benedito Nunes “sobre *O convidado* e a de Rui Mourão sobre *O Pirotécnico Zacarias* (1974), em que o crítico mineiro compara Rubião a Machado de Assis” (IANNACE, 2016, p. 25), comparação com a qual concordamos apesar de traçarmos linhas bem distintas no que tange ao fantástico na obra de Machado de Assis. Este autor tem lampejos de fantástico em alguns trechos de suas obras, como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no capítulo *O delírio* (GIMENES, 2016), o que não significa que a obra de Machado seja, como a de Murilo, um gênero imbricado no fantástico.

Na concisa conclusão de *Páginas Finais*, Ricardo Iannace perpetua as metáforas de Walter Benjamin, sobre o tradutor, e de Derrida, sobre as torres de babel, apontando-nos o “muro” (IANNACE, 2016, p. 153) que se coloca à frente de quem lida com a escritura, com as linguagens, para articular as leituras feitas sobre os contos escolhidos para análise. Reinvenção da babel em *O Edifício*, ambivalência do signo em *O Bloqueio*, mito de fantasmagoria em *O Homem do Boné Cinzento*, claustrofobia e verticalização em *A Armadilha*, intolerância em *A Diáspora*. Iannace nos traz, com sua obra, não apenas a certeza de que Murilo Rubião faz literatura fantástica, mas o fato de que esses contos escolhidos e as epígrafes que eles contêm nos revelam uma literatura de construção poética, de discussão acerca da linguagem. Ao mesmo tempo, da desconstrução dessa linguagem, da literatura que luta para se inscrever, da literatura que incomoda.

“[...] Morreu na contramão atrapalhando o tráfego [...]”.
(BUARQUE, 1998).

REFERÊNCIAS

BUARQUE, Chico. *Construção*. Coleção Millenniun. São Paulo: PolyGram, 538197-2, 1998. CD.

GIMENES, Roseli. Palestra Brás Cubas e Teleco: o delírio da morte. In.: *I Seminário Fantástico e imaginário: reflexões contemporâneas Murilo Rubião e seus arredores, II Encontro Nacional de Produções Literárias e Culturais para crianças e jovens*. Universidade de São Paulo, de 22 a 24 de junho de 2016.

IANNACE, Ricardo. *Murilo Rubião e as arquiteturas do fantástico*. São Paulo: Edusp-Fapesp. 2016.

IANNACE, Ricardo. *Murilo Rubião em curta-metragem. Uma leitura de "O bloqueio" de Cláudio de Oliveira*. Disponível em: http://www4.pucsp.br/revistafrenteiraz/numeros_anteriores/n3/download/pdf/curta_metragem.pdf. Acesso: 14 de out 2016